



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIA DA LINGUAGEM
CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA RITA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

**LETRAMENTO ACADÊMICO E ENSINO DO PORTUGUÊS PARA SURDO:
DESAFIOS E MOTIVAÇÕES**

Abaetetuba - PA

2025

MARIA RITA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

**LETRAMENTO ACADÊMICO E ENSINO DO PORTUGUÊS PARA SURDO:
DESAFIOS E MOTIVAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Portuguesa.

Orientadora: Dr.^a Camille Cardoso Miranda

Abaetetuba - PA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

S237l Santos, Maria Rita Conceição dos.
Letramento acadêmico e ensino do português para
surdos: desafios e motivações / Maria Rita Conceição
dos Santos. — 2025.
Ex.: 45 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Camille Cardoso
Miranda Trabalho de Conclusão (Graduação) -
Universidade Federal do Pará, Campus
Universitário de Abaetetuba,
Curso de Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2025.

1. Libras; letramento; ambiente acadêmico; inclusão.
I. Título.

CDD 404.2

MARIA RITA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

**LETRAMENTO ACADÊMICO E ENSINO DO PORTUGUÊS PARA SURDO:
DESAFIOS E MOTIVAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Portuguesa.

Orientadora: Dr.^a Camille Cardoso Miranda

Data da avaliação ___/___/___

Conceito: _____

Banca examinadora:

Prof.^o Dr.^o Huber Kline Guedes Lobato.
(Examinador Interno – UFPA)

Prof.^a Dr.^a Márcia Monteiro Carvalho
(Examinador Interno – UFPA)

Prof.^a Dr.^a Camille Cardoso Miranda
(Orientadora - UFPA)

RESUMO

O presente artigo, intitulado *Letramento Acadêmico e Ensino do Português para Surdos: Desafios e Motivações*, analisa a inclusão de alunos surdos no ensino superior, destacando o aprendizado do português como segunda língua e da Libras como primeira. Observa-se que, apesar de avanços, persistem desafios significativos, como a escassez de materiais didáticos acessíveis, barreiras comunicacionais e o despreparo de professores para práticas inclusivas. O estudo tem como objetivo compreender o letramento acadêmico de estudantes surdos, observando a produção escrita a partir de gêneros textuais, analisando estratégias de escrita, investigando métodos de ensino utilizados por docentes ouvintes e discutindo contribuições da literatura científica sobre práticas bilíngues. A pesquisa adota abordagem qualitativa, com aplicação de questionários no Google Forms com estudante ouvintes e surdo, docentes e intérprete. Os resultados mostram que, embora a participação dos alunos surdos ainda dependa de apoio e mediação, sua motivação, autonomia e valorização da identidade surda contribuem para sua atuação ativa nas atividades acadêmicas, reforçando a importância de políticas e práticas pedagógicas que promovam a inclusão e a diversidade no ambiente universitário.

Palavras-chave: Libras; letramento; ambiente acadêmico; inclusão

ABSTRACT

The present study, titled *Academic Literacy and Portuguese Teaching for Deaf Students: Challenges and Motivations*, analyzes the inclusion of deaf students in higher education, emphasizing the learning of Portuguese as a second language and Brazilian Sign Language (Libras) as a first language. Despite advances, significant challenges persist, such as the scarcity of accessible teaching materials, communication barriers, and the lack of teacher preparedness for inclusive practices. This study aims to understand the academic literacy of deaf students by examining written production through textual genres, analyzing writing strategies, investigating teaching methods used by hearing teachers, and discussing contributions from scientific literature on bilingual practices. The research adopts a qualitative approach, applying questionnaires via Google Forms with hearing and deaf students, teachers, and an interpreter. The results indicate that, although deaf students' participation still depends on support and mediation, their motivation, autonomy, and appreciation of deaf identity contribute to active engagement in academic activities. These findings reinforce the importance of implementing policies and pedagogical practices that promote inclusion and diversity in the university environment.

Keywords: Libras; literacy; academic environment; inclusion

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS NO ENSINO BÁSICO AO SUPERIOR	8
2.1 <i>Letramento e práticas de letramento acadêmico para alunos surdos.</i>	12
2.2 <i>Ensino de Língua Portuguesa para surdos: aspectos educacionais e linguísticos.</i>	14
3. CAMINHOS METODOLÓGICOS	17
3.1 <i>Natureza da Pesquisa</i>	17
3.2 <i>Questões éticas da pesquisa</i>	18
3.3 <i>Os sujeitos da pesquisa</i>	18
3.4 <i>Informações gerais sobre a coleta dos dados</i>	19
4 ANÁLISE E RESULTADOS	21
4.1 <i>Categoria intérpretes</i>	21
4.2 <i>Na categoria docente</i>	22
4.3 <i>Categoria estudante surdo</i>	24
4.4 <i>Categoria estudante ouvinte</i>	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIA	29
ANEXO	30

1.INTRODUÇÃO

O ensino superior enfrenta desafios significativos para garantir a acessibilidade comunicacional aos alunos surdos. É recorrente a sensação de despreparo para lidar com contextos de ensino para não ouvintes. Na universidade, isso tem sido um desafio tanto aos alunos surdos que querem aprender a língua escrita em português quanto aos professores falantes de língua portuguesa. Além disso, muitos professores, por mais que queiram fazer desse aluno um sujeito participativo, muitas vezes ficam sem saber o que fazer, quais atividades aplicar e como lidar com o ensino da escrita para seu aluno surdo. Se o desafio de produção textual escrita na universidade já é uma prática difícil para muitos alunos ouvintes, uma vez que muitos têm dificuldade, na prática, de escrever, isso se torna desafiador aos alunos surdos que estão aprendendo português escrito como segunda língua.

De acordo com Soares (2009, p.18), letramento é “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, isto é, o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Segundo a autora, o letramento vai além da simples aquisição da tecnologia da leitura e escrita, envolvendo o uso social dessas habilidades, ou seja, o letramento considera o contexto social, na prática de leitura e escrita. Desse modo, o ensino de língua portuguesa escrita para surdos se insere, como uma prática de letramento que deve considerar a realidade social e cultural do estudante surdo como não falante de língua portuguesa.

Os autores Macêdo, Batista-Júnior e Alexandre (2024) argumentam que quando voltamos a nossa atenção aos estudantes surdos, observamos o quanto a diversidade das práticas culturais, identitárias e, sobretudo, linguísticas não é reconhecida/valorizada no contexto da sistematização, registro e divulgação de produções científicas. Isso decorre de um padrão linguístico e social profundamente enraizado na cultura acadêmica, o qual é seletiva e extremamente excludente (Macêdo et al,2024). Além disso, os autores ressaltam que ainda há poucos espaços ou mesmo uma prática acadêmica consolidada que possibilite a produção de textos acadêmicos em Libras, limitando a expressão científica de alunos e alunas surdas em sua língua natural.

Diante dessa realidade, surge a seguinte questão exploratória sobre o ensino do português escrito para alunos surdos em contextos acadêmicos: Como os alunos surdos, com características distintas em relação aos demais estudantes universitários e apresentam uma língua que exhibe estrutura gramatical própria distinta da Língua Portuguesa conseguem incorporar as diferentes práticas de letramento acadêmico na elaboração de textos científicos?

Para responder essa pergunta norteadora, temos como objetivo geral: analisar práticas de letramento acadêmico na produção escrita de um aluno surdo da Universidade Federal do Pará – Campus de Abaetetuba. Além desse objetivo geral, a pesquisa apresenta os seguintes objetivos específicos:

- Observar a produção escrita do português como prática de letramento acadêmico a partir de gêneros textuais;
- Analisar estratégias de escrita do aluno surdo na compreensão e aquisição do português como L2;
- Investigar métodos e estratégias de ensino de português do professor ouvinte para o aluno surdo com o auxílio do profissional intérprete.
- apresentar reflexões e orientações presentes na literatura científica sobre o letramento acadêmico para surdos e a contribuição delas para o desenvolvimento do ensino de português.

Os gêneros discursivos acadêmicos, como artigos científicos, resumos, dissertações e teses, são tradicionalmente estruturados em língua escrita. No entanto, para alunos surdos, a leitura e escrita em português podem representar desafios, pois sua aquisição ocorre como segunda língua (L2), diferentemente dos ouvintes, para os quais o português é língua materna. Diante disso, é essencial que o ensino superior adote práticas pedagógicas inclusivas, como a oferta de materiais em Libras, vídeos legendados e a mediação de intérpretes em sala de aula.

Nesse sentido, a escolha desse tema parte da necessidade de compreender as dificuldades específicas encontradas nesse contexto do ensino superior, suas perspectivas de aprendizagem e a formação docente para desenvolver essas práticas pedagógicas no intuito de incluir o aluno surdo nas estratégias de letramento acadêmico escrito.

A luta pela introdução da língua de sinais vem desde 1760 com a criação da primeira escola pública em Paris pelo Abade Charles-Michel de l'Épée, diante de tantas lutas e dificuldades para a construção das comunidades surdas, que atualmente visa em abranger a comunicação, estrutura e principalmente o ensino. Nesse sentido, a implementação de um ensino da Língua Portuguesa no ensino superior que contemple a comunicação e a acessibilidade é um desafio essencial para garantir a equidade educacional acadêmica. Nesse contexto, é fundamental que o sistema pedagógico considere estratégias que facilitem a aprendizagem para todos os alunos, incluindo aqueles com dificuldades na comunicação oral e escrita.

Além desta introdução, este artigo apresenta mais quatro seções. Na primeira seção, iremos tratar das Reflexões sobre o ensino da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS no ensino básico ao superior, com ênfase no letramento acadêmico. Na segunda seção iremos mostrar o Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: aspectos Educacionais e Linguísticos, a Metodologia e as Considerações Finais.

2 REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS NO ENSINO BÁSICO AO SUPERIOR

Durante muito tempo, as discussões sobre a inclusão e acessibilidade de pessoas surdas, tem sido abordada por uma demanda histórica no cenário mundial e no contexto brasileiro, onde a falta de acessibilidade linguística e metodológica tem gerado frustrações, desmotivação e exclusão, conforme Quadros:

Durante séculos, os surdos foram vistos como incapazes de aprender, o que resultou na exclusão sistemática de espaços educacionais. A ausência de práticas bilíngues e o desconhecimento da LIBRAS por parte dos educadores ainda são entraves para uma educação inclusiva e de qualidade (Quadros, 1997, p 126).

Esse olhar para a comunidade surda nas escolas e universidades tornou-se um segmento da educação brasileira historicamente visto como desafiador. Isso devido a altos índices de evasão escolar, baixo desempenho dos alunos com deficiência e a falta de comunicação entre o conteúdo ministrado e as demandas do mercado de trabalho específico para trabalharem com esse público, mas essa visão tem, atualmente, sido mudada no contexto atual, assim Sales afirma:

Em termos educacionais, há uma série de iniciativas que emergem e se expandem a cada dia mais e com efeitos mais previsíveis e satisfatórios, alimentados pela crescente pesquisa na área, dentro de diversas instituições, especialmente, nas universidades brasileiras (Sales, 2004, p. 50).

Neste contexto de acessibilidade e inclusão, é importante mencionar a qualificação de docentes para se comunicar de forma eficaz com alunos surdos na sala de aula. Para fazer com que o discente possa interagir e se comunicar com autonomia, assim como os demais colegas e professores, dessa forma é possível salientar que a legislação brasileira já reconhece essa necessidade, conforme apresenta Madeira (2012):

No que diz respeito à área da educação, a lei nº 10436 determina que o sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs. A área da Educação foi contemplada

ainda no decreto-lei nº 5626 (23 de dezembro de 2005) que trata da inclusão de Libras como disciplina obrigatória em todas as Licenciaturas, cursos de Pedagogia e de Fonoaudiologia do país (Madeira, 2012, 14.).

O Decreto n.º 5.626/2005, por exemplo, determina que os sistemas de ensino devem garantir a formação de professores bilíngues e o ensino da LIBRAS nos cursos de licenciatura e pedagogia, além de assegurar a presença de intérpretes de LIBRAS nas instituições de ensino. Ainda assim, na prática, muitos docentes não têm acesso à formação adequada, comprometendo a efetivação de uma educação verdadeiramente inclusiva, conforme preconiza a Lei n.º 13.146/2015:

:

É assegurada a educação bilíngue em Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, preferencialmente em escolas bilíngues inclusivas (BRASIL, 2015).

A partir de uma análise histórica, cultural e social, observa-se que a promulgação da Lei n.º 13.146/2015, conhecida como Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, representou um marco significativo nas conquistas da comunidade surda. Essa legislação ampliou os direitos linguísticos e educacionais dos surdos, possibilitando, entre outros avanços, o maior acesso aos centros acadêmicos e o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como instrumento legítimo de instrução e comunicação.

É fundamental compreender que a LIBRAS não é somente um recurso comunicativo ou uma linguagem, mas sim uma língua plena, com estrutura gramatical própria, sistema linguístico completo e regras morfológicas e sintáticas, tal como ocorre com a língua portuguesa. Avelar e Freitas afirmam que:

O termo “Libras” é a sigla de “Língua Brasileira de Sinais”, a língua natural da comunidade Surda no Brasil. De modalidade visual-motora, a Libras é composta por sistemas linguísticos, apresentando o nível sintático (da estrutura), o nível semântico (do significado), o nível morfológico (da formação de palavras), o nível fonológico (das unidades que constituem uma língua) e o nível pragmático (envolvendo o contexto conversacional). Nas línguas orais, o que chamamos de “palavras”, são itens lexicais que, na Libras, correspondem aos “sinais” (2016, p 14).

Assim, é importante frisar que os discentes surdos possuem autonomia para desenvolver os gêneros discursivos por meio de sua língua materna, a LIBRAS, ainda que enfrentem desafios no processo de aprendizagem do português como segunda língua, isso não representa uma limitação. Pelo contrário, esses alunos demonstram capacidade de articular estratégias e métodos que lhes permitem colocar em prática tais conhecimentos, desde que o ambiente educacional ofereça os recursos adequados e respeite sua realidade linguística. A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), passou por um processo de transformações no contexto histórico brasileiro a comunicação era reprimida, mesmo com os avanços importantes essa trajetória da comunidade surda foi marcada por muita luta desafiadora, pois a busca por seus direitos ainda é muito intensa. Isso ocorre principalmente em órgãos públicos, que apesar das leis demonstrarem que os surdos possuem os mesmos direitos que ouvintes, percebemos que esses órgãos ainda não se adaptaram para acolher, atender ou resolver qualquer situação que envolva a comunidade surda.

As existências das leis que reconhecem os surdos como cidadãos, na prática, ainda não são plenamente respeitadas, especialmente nos serviços públicos. A inclusão real ainda enfrenta vários obstáculos, não estão preparados para atender esse público não como exclusividade, mas sim com igualdade.

A inclusão dos estudantes surdos no sistema educacional ainda é um grande desafio no Brasil. Mesmo com leis garantindo o direito à educação em igualdade de condições, a realidade das escolas públicas e até das privadas está longe do ideal. Os surdos devem ter sua escolaridade assegurada, prioritariamente, em escolas regulares, para garantir sua participação social e o convívio com a diversidade. No entanto, essa “escola regular” precisa ser repensada. Ela não pode continuar funcionando com os mesmos moldes que excluem, silenciam e ignoram as diferenças dos alunos surdos.

Para atender adequadamente a esse público, é necessário que a escola cumpra, no mínimo, as exigências básicas de acessibilidade: ter professores que dominem a Língua Brasileira de Sinais (Libras), materiais adaptados, intérpretes, recursos visuais e, principalmente, uma postura pedagógica que valorize as particularidades linguísticas e culturais da comunidade surda.

Autores como Quadros e Karnopp (2004) destacam que a simples presença do aluno surdo na escola não garante inclusão, pois ela só acontece

de fato quando há comunicação, participação e aprendizagem com equidade. Isso mostra que não se trata somente de inserir um aluno em uma sala de aula, mas de transformar a escola para que ela seja, verdadeiramente, um espaço acessível, inclusivo e acolhedor para todos. Para alunos surdos, esse modelo de ensino que encontramos nas leis está longe da nossa realidade, cuja perspectiva não condiz com suas limitações. Neste sentido, as políticas públicas mostram uma versão perfeita que contradiz a realidade escolar.

Neste contexto, vamos abordar o ensino bilíngue que, por meio dessas políticas, deveria estar implantado na maioria dos espaços educacionais, no entanto, ainda é muito escasso, mas seria o mais adequado para manter o funcionamento do sistema, como apresenta Carvalho (2012):

A proposta de escola inclusiva que vigora no Brasil exige uma escola muito bem preparada, capaz de receber o aluno surdo, desde a portaria até a sala de aula, acolhendo-o logo no início de sua vida escolar, ainda na educação infantil. Essas são condições básicas para se efetivar uma proposta de educação bilíngue, com vistas à educação e formação profissional das pessoas incluídas. Porém quem acompanha a situação efetiva dos surdos nas escolas públicas sabe que o modelo apresenta falhas preocupantes, em particular no tocante ao acesso à aprendizagem do português, a língua usada na escola (2012, p. 4).

A autora apresenta fundamentações importantes que preocupam a comunidade surda que busca qualificação educacional. Ademais as falas apresentadas no trecho e na vivência diária dos usuários desse sistema, percebemos que a escola inclusiva continua longe de acontecer, até porque faz necessário que todos os envolvidos precisam de qualificação específica em LIBRAS. Uma das preocupações está centrada nas formações de profissionais que atendam a esse modelo de ensino, pois não basta ter somente o intérprete de LIBRAS e sim é necessário que todo o corpo acadêmico possa ter acesso a essa primeira língua para os surdos L1.

O sistema educacional não se encontra preparado para a recepção do estudante surdo, desde quem trabalha na porta de entrada até as equipes qualificadas. Isso porque os funcionários não estão preparados adequadamente para atender os estudantes surdos, que saem da sua área de conforto para um lugar que ainda em pleno século XXI, está se adequando a esses parâmetros, o que leva a perceber que só quando aparece um estudante surdo é que a UNIVERSIDADE, tenta colocar em prática o que está no papel. A proposta

bilingue veio pra adequar a realidade dos alunos surdos a se adaptarem em ambientes educacionais, com a garantia do direito de aprendizagem, comunicação, cultura e inclusão na sociedade acadêmica.

2.1 Letramento e práticas de letramento acadêmico para alunos surdos.

No contexto histórico brasileiro a questão da alfabetização passou por inúmeros fases para se adequar ao ensino educacional atual, além de inúmeros métodos e modelos para que tivessem êxito de excelência, esse processo surgiu para melhorar o sistema alfabético. Já a palavra letramento criada há pouco tempo que visa o aprendizado tanto na leitura quanto na escrita. Para Soares (2009), o letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. Mediante a esse processo educacional, é possível detectar as diferenças entre a alfabetização e o letramento, porém ambos os procedimentos estão interligados.

Tal fato explica por que é conveniente a distinção entre os dois processos. Por outro lado, também é necessário reconhecer que, embora distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita. (Soares, 2024, p.97).

A relação entre esses dois processos precisa sempre estarem em sincronia apesar que o letramento surgiu recentemente como mencionada anteriormente com a convicção de reformular o método de ensino da língua portuguesa, assim como afirma a Soares (2009 p.32), argumentando que: A palavra letramento ainda não está dicionarizada, porque foi introduzida muito recentemente na língua portuguesa, tanto que quase podemos datar com precisão sua entrada na nossa língua, identificar quando e onde essa palavra foi usada pela primeira vez.

Assim como outras palavras da língua portuguesa, ela surgiu para definir e direcionar caminhos nos quais nos tornamos dependentes de conhecimentos para o desenvolvimento intelectual. Segundo Soares (2009), o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas

sociais são necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita.

O letramento tem como definição o uso da leitura e da escrita no contexto social e nas práticas cotidianas, no qual o processo de dominar a compreensão, a interpretação e a produção textual. Se encaixa nesse conceito de letramento, diferente da alfabetização, que somente precisa saber ler e escrever para se conceituado como alfabetizado.

O domínio do letramento é a base do desenvolvimento acadêmico, neste contexto o letramento acadêmico é, basicamente, aprender como lidar com a leitura e a escrita dentro da faculdade. Não é só saber escrever certo ou entender um texto, mas sim aprender como funcionam os trabalhos que os professores pedem, como organizar as ideias, usar uma linguagem mais formal e seguir regras como as de citação. No começo pode parecer complicado, mas com o tempo é possível produzir textos como resumos, artigos, relatórios e tudo o que faz parte da vida universitária. É como aprender um novo jeito de se comunicar, mais adequado ao mundo da universidade. Segundo Magda Soares (2009):

O letramento é resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever, mas, além disso, é o estado que a pessoa ou um grupo adquire quando passa a usar a escrita em seu dia a dia — ou seja, no caso da faculdade, é quando o estudante começa a se apropriar da escrita acadêmica para participar desse novo ambiente. Ao qual está inserido (Magda Soares, 2009, p.18).

Ao longo do texto vimos que, trajetória da educação de pessoas surdas é marcada por disputas e decisões importantes sobre como garantir uma aprendizagem de qualidade que respeite suas necessidades específicas. Quando falamos de letramento acadêmico, a ideia é entender como os estudantes aprendem a ler, escrever e se comunicar dentro da universidade, usando os jeitos e os códigos que esse ambiente exige. No caso dos estudantes surdos, isso pode ser um desafio maior, porque eles precisam lidar com a língua de sinais, que é diferente da língua escrita usada nos textos acadêmicos.

As pesquisas sobre letramento acadêmico, com alunos surdos traz várias contribuições importantes. Mostrando que não dá para pensar só na escrita ou só na língua de sinais e sim é preciso considerar como esses estudantes transitam entre as duas línguas e como aprendem a usar os formatos e estilos dos textos que aparecem na faculdade, como artigos, resumos e trabalhos. Além

disso, essas pesquisas ajudam criar estratégias de ensino que sejam mais inclusivas, levando em conta as dificuldades específicas dos surdos e buscando formas de facilitar o acesso ao conhecimento, como o uso de intérpretes, tecnologias assistivas e materiais adaptados. O letramento acadêmico para estudantes surdos não é só sobre aprender a ler e escrever, mas sim sobre entender e participar de toda a vida acadêmica, com autonomia e confiança.

Mesmo com todos esses debates e melhorias, ainda existem muitos desafios, especialmente no Ensino Superior para ser conquistado. Muitos estudantes surdos entram na universidade, mas esbarram na falta de acessibilidade, de intérpretes e de professores preparados para lidar com essa língua. Essas dificuldades acabam afetando o desempenho e a permanência dos estudantes surdos, que muitas vezes abandonam o curso, por não se sentirem pertencentes a essa esfera acadêmica.

Mediante disso, surgiram diferentes formas de ensinar os alunos surdos, cada uma com suas propostas e limitações. Três dessas abordagens ganharam destaque: o Oralismo, a Comunicação Total e o Bilinguismo.

Três abordagens educacionais se destacam historicamente no ensino de surdos: o *Oralismo*, centrado no uso da fala e na exclusão das línguas de sinais; a *Comunicação Total*, que mistura várias formas de comunicação, como fala, gestos, sinais e leitura labial; e o *Bilinguismo*, que reconhece a língua de sinais como primeira língua e a língua portuguesa, geralmente na forma escrita, como segunda (Quadros; Skliar, 2001).

Essas três abordagens mostram que cada um desses três itens reflete um jeito diferente de enxergar a surdez e de pensar o aprendizado, indo desde a tentativa de encaixar o surdo no mundo ouvinte pela fala, passando por estratégias que misturam várias formas de comunicação, até chegar a um modelo que valoriza a Libras como base e o português como complemento.

2.2 Ensino de Língua Portuguesa para surdos: aspectos educacionais e linguísticos

O ensino de Língua Portuguesa para surdos é um tema super importante e, ao mesmo tempo, bem delicado. A grande questão é que, para a maioria das pessoas surdas, o português não é a primeira língua. A língua "mãe" deles é a

Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), ela é visual, com gestos e expressões. O português é oral e escrito, com estruturas totalmente diferentes. Por isso, a forma de ensinar português para um aluno surdo não pode ser a mesma que usamos para um ouvinte, é como aprender uma língua estrangeira, mas com um desafio a mais.

Na escola, isso quer dizer que é preciso ensinar português usando métodos que valorizem recursos visuais, respeitem o tempo de aprendizagem do aluno e considerem as diferenças entre a estrutura da Libras e a do Português, pois linguisticamente é importante não forçar traduções, mas sim trabalhar o sentido, o uso real da escrita e a função social da língua.

Assim, quando a Libras é usada como base e o português é ensinado como L2, o aprendizado tende a ser mais natural e eficaz, fortalecendo a identidade e a autonomia do estudante surdo. Segundo Quadros:

O ensino de Língua Portuguesa para surdos deve considerar a Libras como primeira língua, respeitando sua estrutura e funcionamento, e tratar o português como segunda língua, para que o aluno desenvolva habilidades linguísticas e comunicativas adequadas. (Quadro 1997, p. 45).

Ensinar Língua Portuguesa para pessoas surdas não é simplesmente aplicar os mesmos métodos usados com ouvintes. Isso porque, para os surdos, o português geralmente não é a língua que eles aprendem primeiro porque, sua língua natural é a Libras, uma língua visual, com estrutura própria diferente da fala. Por isso, o português é ensinado como uma segunda língua, e, o que é ensinado, é a língua escrita.

No contexto educacional, isso significa que as escolas precisam usar estratégias que considerem essas diferenças. Não basta só tentar fazer o aluno repetir palavras ou ler labialmente, pois isso pode não funcionar para todos. É fundamental que o ensino valorize a Libras como meio de instrução e que o português seja apresentado de forma acessível, com apoio visual e tempo para que o estudante compreenda os conceitos.

O ensino para surdos deve respeitar a língua natural do aluno, que é a língua de sinais, e promover o aprendizado da língua oral escrita como segunda língua, utilizando recursos visuais e metodologias adaptadas que facilitem a compreensão (Quadros, 1997, p. 52).

Do ponto de vista linguístico, é importante entender que Libras e português têm regras diferentes na sintaxe, na gramática, no vocabulário e até na forma de expressar ideias. Então, traduzir diretamente do português para a Libras ou vice-versa pode confundir e atrapalhar o aprendizado do aluno. O desafio é trabalhar o português de um jeito que respeite essas diferenças, focando no significado e no uso real da língua escrita. Quando esse processo é respeitado, o aprendizado do português acontece de forma mais natural e eficaz, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia, da identidade e da participação social dos alunos surdos. É essa abordagem que muitos pesquisadores defendem hoje, como Ronice Müller de Quadros e Carlos Skliar, ressaltando a importância do bilinguismo na educação de surdos.

Ronice Müller de Quadros e Carlos Skliar (2001), são grandes nomes na área da educação de surdos e defendem a abordagem bilíngue como a mais adequada para o aprendizado de pessoas surdas. Eles ressaltam que a Libras deve ser reconhecida como a primeira língua natural do surdo, fundamental para seu desenvolvimento cognitivo e cultural. A partir dessa base sólida na língua de sinais, o português, especialmente na modalidade escrita, deve ser ensinado como segunda língua.

A educação bilíngue para surdos reconhece a Língua de Sinais como primeira língua, essencial para o desenvolvimento cognitivo e cultural, e a língua oral escrita como segunda língua, favorecendo a autonomia e a inclusão social dos estudantes surdos” (Quadros; Skliar, 2001, p. 89).

Para esses autores, respeitar esse processo bilíngue significa garantir que o surdo tenha acesso à educação em sua língua materna, o que favorece a autonomia, fortalece a identidade e amplia a participação social. Eles criticam métodos que tentam impor somente o uso da fala ou que misturam sinais e português de forma inadequada, pois essas práticas podem dificultar o aprendizado e a inclusão. A partir do que foi exposto, a seção que segue, retrata os procedimentos metodológicos dessa pesquisa.

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este trabalho fundamenta-se nos pressupostos da pesquisa educacional interpretativa, visando de compreender os desafios e motivações relacionados ao letramento acadêmico e ao ensino da Língua Portuguesa para estudantes surdos no ensino superior. Essa metodologia envolve a aplicação de métodos e técnicas específicas que orientam a construção do conhecimento, para assegurar a sua validade e relevância em diferentes contextos sociais (Prodanov; Freitas, 2013).

Esses procedimentos envolvem a definição clara do tipo de estudo a ser realizado, essa escolha das técnicas e instrumentos para coleta de dados, bem como os métodos para análise e interpretação dos resultados, tem uma importância para o objetivo ser alcançado. Além disso, é essencial a descrição detalhada do contexto em que a pesquisa ocorre, bem como do perfil dos participantes, garantindo a transparência e a confiabilidade do processo.

3.1 *Natureza da Pesquisa*

Esta pesquisa possui natureza qualitativa e pretende compreender em profundidade as experiências, percepções e significados atribuídos a um estudante surdo e em relação à sua inclusão no ambiente acadêmico. Através da análise contextualizada dos relatos dos participantes, busca-se explorar as particularidades do processo de aprendizagem e as estratégias utilizadas para superar desafios no ensino superior.

Dessa forma, pretende-se obter uma compreensão detalhada e rica sobre as práticas educacionais e os contextos vivenciados pelos estudantes surdos. A pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza descritivo-interpretativa, com foco em relatos e percepções de diferentes sujeitos envolvidos no processo educativo de estudantes surdos, especialmente em relação ao ensino de Língua Portuguesa e ao desenvolvimento do Letramento Acadêmico.

Essa metodologia permite compreender de forma aprofundada as percepções e vivências desses estudantes, valorizando suas vozes e o contexto sociocultural em que estão inseridos. Por meio de técnicas como questionários semiestruturados em grupos, busca-se identificar barreiras e soluções para promover a inclusão no ensino superior. A escolha por uma abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de compreender as experiências vividas pelos sujeitos, seus significados e percepções diante das práticas de ensino e das políticas de inclusão linguística.

3.2 Questões éticas da pesquisa

A seleção dos participantes ocorreu intencionalmente, considerando sua experiência direta com o contexto da pesquisa. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos do estudo e autorizaram, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a utilização de suas respostas de forma anônima e para fins acadêmicos. A pesquisa seguiu os princípios éticos recomendados pela Resolução n.º 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que trata das normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

3.3 Os sujeitos da pesquisa

A pesquisa contou com a participação da turma de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará (UFPA), campus Abaetetuba, na qual há a presença de um estudante surdo que é auxiliado por intérprete, responsável por estabelecer o elo comunicativo entre ele, os colegas e os professores. Os sujeitos participantes contemplaram as categorias fundamentais para uma análise abrangente do fenômeno investigado: docentes do ensino superior, tanto aqueles com experiência quanto os que não possuem convivência direta com estudantes surdos; intérpretes de Libras atuantes em instituições de ensino superior, que exercem papel essencial de mediação comunicativa; colegas ouvintes que convivem cotidianamente com alunos surdos em sala de aula; demais estudantes ouvintes da instituição, que também contribuem com

suas percepções; e, de forma central, o próprio aluno surdo, regularmente matriculado no curso de graduação, que compartilhou suas vivências, dificuldades e conquistas no ambiente acadêmico. Essa diversidade de sujeitos possibilitou a construção de um olhar mais completo sobre os processos de inclusão, ensino e aprendizagem no contexto universitário, assegurando maior consistência e profundidade à análise realizada.

3.4 Informações gerais sobre a coleta dos dados

Os questionários foram divididos por perfil (docente, intérprete, colega ouvinte e estudante surdo) e aplicados através da plataforma Google Forms que gerou um link de acesso. Esse link foi enviado pelo WhatsApp para os participantes responderem de forma prática e rápida, no período de 06/08/ a 15/08/2025, que permitiu o acesso remoto e facilitado à pesquisa. As perguntas foram majoritariamente fechadas, com múltipla escolha, e subjetivas, acompanhadas de questões abertas para permitir o aprofundamento das respostas. Além disso, cada categoria contou com cinco questões específicas, pensadas para atender aos objetivos do estudo.

Apesar dos perfis dos participantes, a pesquisa manteve o foco nas outras categorias, como o aluno surdo, intérprete de Libras, colegas ouvintes e os professores, cujos dados forneceram informações relevantes para a compreensão das práticas de inclusão no ambiente acadêmico. Para melhor colher os dados, utilizamos as seguintes perguntas, de acordo com as categorias:

Categoria intérpretes:

1. quais são os principais desafios que você encontra ao interpretar conteúdos acadêmicos para alunos surdos?
2. como você percebe o envolvimento do aluno surdo com os gêneros textuais utilizados nas disciplinas?
3. você participa do planejamento pedagógico com os professores para adaptar os conteúdos ao aluno surdo?
4. Como você avalia a relação entre o intérprete, o professor e o aluno surdo no processo de ensino e aprendizagem?

5. os conteúdos acadêmicos que você interpreta são acessíveis ao aluno surdo em termos de linguagem e estrutura?.

Na categoria docente

1. você já teve alunos surdos em sala de aula?
2. Em sua prática docente, você planeja estratégias específicas voltadas ao desenvolvimento do letramento do aluno surdo? quais?
3. A universidade oferece formação específica para docentes sobre Libras e inclusão de estudantes surdos?
4. Que recursos pedagógicos você costuma utilizar para garantir o acesso do aluno surdo ao conteúdo?
5. Quais gêneros textuais você costuma utilizar em sala de aula com alunos surdos para promover o letramento?
6. Esses gêneros são trabalhados com adaptações linguísticas ou visuais para facilitar a compreensão?

Categoria discente surdo

1. você se sente incluído(a) nas aulas da universidade?
2. você consegue entender os conteúdos das aulas com a ajuda do intérprete de Libras?
3. você já recebeu algum apoio para desenvolver sua leitura e escrita em Língua Portuguesa na universidade? que tipos de textos (gêneros textuais) você prefere ou entende melhor nas aulas?
4. você sente dificuldade para ler e escrever em Língua Portuguesa?

Para categoria discente ouvintes

1. você já teve ou tem colegas surdos em sua turma na universidade?
2. como você descreveria a interação entre os estudantes surdos e os ouvintes em sala de aula?
3. você se sente preparado(a) para se comunicar com colegas surdos?
4. como você percebe a participação do aluno surdo nas atividades acadêmicas (exposições, grupos, debates)?
5. O que você acredita que poderia melhorar na universidade para promover mais inclusão e letramento de alunos surdos?.

A partir dessas etapas descritas, a seção que segue trata das discussões e análises dos dados obtidos a partir das respostas das perguntas dos questionários.

4 ANÁLISE E RESULTADOS

Ao analisar as respostas dos questionários aplicados pelo Google Forms, foi possível reunir informações valiosas a partir de diferentes participantes do processo de ensino-aprendizagem: docentes, intérpretes, estudante surdo e também os estudantes ouvintes. Ter esse conjunto variado de vozes amplia a compreensão sobre como acontecem as práticas de letramento acadêmico e quais são os principais desafios no ensino da língua portuguesa para surdos. As respostas mostram diferentes olhares sobre as estratégias utilizadas, as dificuldades do dia a dia e as sugestões de melhoria no ambiente acadêmico. Tais fatores revelam fragilidades no sistema educacional, mas, ao mesmo tempo, apontam para a necessidade de se consolidarem práticas inclusivas que respeitem a Libras como primeira língua e o Português escrito como segunda.

Observa-se, contudo, que as motivações dos alunos surdos, são sustentadas pelo desejo de autonomia, pelo sucesso acadêmico e pela valorização da identidade surda, funcionam como forças na superação das barreiras, reforçando a importância de políticas institucionais e pedagógicas que assegurem a efetiva inclusão. Assim, a análise permite refletir criticamente sobre os avanços já conquistados e, principalmente, sobre os caminhos a serem construídos para que a educação superior se torne cada vez mais justa, acessível e de qualidade. Assim a análise permite construir uma visão mais completa e variada, que ajuda a refletir sobre a inclusão e a pensar em caminhos que tornem a educação mais justa e acessível para todos, vejamos como ocorreu essa análise e a resultado da pesquisa:

4.1 Categoria intérpretes

As respostas do intérprete apontam para desafios significativos no contexto acadêmico, principalmente relacionados à falta de antecedência na disponibilização dos materiais, à escassez de referências em disciplinas

específicas, como foi o Latim. Além disso, à sobrecarga de trabalho ocasionada pela ausência de revezamento entre profissionais, comprometendo tanto a qualidade da interpretação quanto o acesso à informação pelo aluno surdo.

Outro ponto importante é a ausência do intérprete no planejamento pedagógico com os docentes, o que limita a adaptação prévia dos conteúdos.

Apesar dessas limitações, a relação entre professor, aluno surdo e intérprete é avaliada positivamente, uma vez que os docentes, em sua maioria, demonstram abertura ao diálogo e mantêm interação frequente durante as aulas.

No que se refere à acessibilidade dos conteúdos acadêmicos, o intérprete ressalta que nem sempre a linguagem e a estrutura são adequadas, sendo muitas vezes necessário reformular expressões para possibilitar a compreensão do estudante surdo.

4.2 Na categoria docente

Dos quatro docentes participantes, três relataram já ter recebido estudantes surdos em suas turmas, enquanto apenas um afirmou não ter vivenciado essa situação; esse dado mostra que a maioria possui algum grau de experiência com a inclusão, o que pode contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais adaptadas, mas também evidencia que ainda existem diferenças entre os docentes quanto ao contato com esse público, ressaltando a importância da formação continuada e do compartilhamento de estratégias que promovam um ensino mais acessível e equitativo. Ao analisar as respostas dos professores, fica claro que há diferentes níveis de experiência quando o assunto é o trabalho com alunos surdos. Alguns ainda não têm muita vivência nessa área, enquanto outros já apresentam práticas mais elaboradas, com planejamento bilíngue e recursos adaptados.

As respostas evidenciam diferentes níveis de preparo e estratégias no trabalho com estudantes surdos: enquanto um docente afirmou ainda não ter tido oportunidade de planejar práticas específicas, os demais relataram ações que vão desde o uso de recursos visuais, vídeos com janela em Libras e comandos gravados na língua de sinais até a interação direta para estimular a participação do aluno; também foram citadas medidas de acessibilidade, como a impressão de textos ampliados devido a outra limitação visual, e a valorização do apoio das

intérpretes como mediadoras do processo, mostrando que, embora haja iniciativas significativas, ainda existe diversidade no grau de experiência e na sistematização dessas práticas, o que reforça a importância de ampliar a formação e o planejamento inclusivo no ensino.

Sobre a formação oferecida pela Universidade os docentes afirmam que essa capacitação é disponibilizada, mas nem todos os docentes já tiveram essa oportunidade, o que demonstra que ainda é limitada evidenciando a necessidade de ampliar a divulgação e garantir que todos os professores tenham oportunidades de qualificação para atuar de forma mais inclusiva.

Sobre os recursos pedagógicos utilizados, as respostas mostram que há diferentes níveis de experiência no uso de recursos pedagógicos voltados ao acesso de estudantes surdos: um docente declarou não ter tido oportunidade de aplicar estratégias, outro remeteu às práticas já descritas anteriormente, enquanto um terceiro relatou a adaptação de materiais escritos com fonte ampliada e apoio direto das intérpretes para garantir a compreensão, e outro destacou o uso de imagens e vídeos com tradução; essas falas revelam tanto esforços individuais para promover acessibilidade quanto a necessidade de maior sistematização e planejamento no uso de recursos inclusivos.

Já os gêneros textuais apontam que os docentes utilizam diferentes formas para estimular o letramento de alunos surdos: um professor declarou não ter experiência, enquanto os demais citaram desde produções acadêmicas, como artigos e dissertações em Libras, até materiais mais acessíveis, como contos, livros, vídeos, documentários e filmes inclusivos, além de recursos digitais e músicas vinculados ao planejamento das aulas; essa variedade demonstra a tentativa de integrar múltiplos formatos, contemplando tanto a leitura quanto o visual e o digital, embora ainda exista desigualdade na experiência prática entre os participantes.

As respostas indicam que, na maioria dos casos, os docentes adaptam a linguísticas ou visuais para facilitar a compreensão dos alunos surdos: um professor afirmou não ter experiência, enquanto os demais relataram estratégias como disponibilização de materiais impressos com fonte ampliada, leitura e tradução de arquivos digitais pelas intérpretes, ou simplesmente confirmaram a utilização de adaptações; embora essas iniciativas favoreçam o acesso ao

conteúdo, também evidenciam a necessidade de preparo específico e planejamento sistemático para atender de forma mais eficaz esse público

4.3 Categoria estudante surdo

O docente relatou não se sentir incluído nas aulas da universidade, indicando uma percepção de exclusão ou dificuldade de participação plena no contexto acadêmico. Quanto ao apoio do intérprete de Libras, o estudante afirma que consegue entender os conteúdos das aulas, embora em algumas disciplinas específicas ainda enfrentem dificuldades, mostrando que o aprendizado depende tanto da mediação do intérprete quanto da forma como o material é apresentado, evidenciando a importância da mediação linguística para garantir o acesso à informação e favorecer a participação efetiva nas atividades acadêmicas. Ainda em suas repostas na pesquisa o estudante confirma que recebe apoio para desenvolver sua leitura e escrita dentro da universidade.

No questionário o estudante surdo diz: que para ele há uma preferência por textos expositivos e, sobretudo, de caráter visual, por facilitarem a compreensão dos conteúdos. Ele ressalta que textos mais simples e objetivos são mais acessíveis, enquanto leituras muito extensas geram maiores dificuldades. Afirma, ainda, ter muitos obstáculos na leitura e na escrita em Língua Portuguesa, evidenciando a necessidade de práticas pedagógicas que privilegiem recursos visuais e textos curtos e claros.

4.4 Categoria estudante ouvinte

O resultado gerou a atenção de 20 participantes, observa-se que a maioria dos participantes já teve ou possui colegas surdos em suas turmas universitárias. Isso indica que a presença de estudantes surdos no espaço acadêmico está se tornando cada vez mais frequente, o que pode favorecer experiências de convivência e aprendizagem inclusiva. Por outro lado, os demais afirmaram não ter tido essa vivência, o que demonstra que ainda existem cursos e turmas em que a inclusão de alunos surdos não ocorre de forma efetiva. Esse dado sugere

a importância de políticas institucionais que ampliem o acesso e a permanência desses estudantes, de modo que a diversidade seja realidade em todos os contextos universitários.

As respostas evidenciam que a interação entre o estudante surdo e seus colegas ouvintes ainda é bastante limitada, apesar da presença do intérprete de Libras que garante o acesso ao conteúdo e à participação nas atividades acadêmicas; a falta de domínio da língua de sinais pela maioria dos discentes gera barreiras, insegurança e até afastamento, fazendo com que muitos recorram a gestos, expressões faciais ou à escrita para tentar se comunicar. Com o tempo, alguns relatam avanços e estratégias de convivência que permitem maior aproximação e aprendizados importantes, mas de modo geral a interação é descrita como básica ou difícil, mostrando que a inclusão plena ainda depende de maior preparo dos ouvintes, do incentivo ao aprendizado de Libras e de práticas pedagógicas mais inclusivas por parte da universidade.

Sobre a comunicação as respostas mostram que a maioria dos estudantes não estão preparados para se comunicar com colegas surdos, principalmente por nunca terem tido contato anterior com a Libras ou por não terem convivido com pessoas surdas antes da universidade; alguns afirmam possuir apenas noções básicas ou conseguem se comunicar de forma parcial, o que demonstra boa vontade, mas ainda com limitações significativas; de modo geral, fica evidente que há interesse em interagir, porém falta formação adequada para que a comunicação seja mais efetiva e inclusiva.

já participação do aluno surdo nas atividades acadêmicas, como exposições, grupos e debates, ocorre de forma significativa quando há a presença da intérprete de Libras e um ambiente acolhedor, o que possibilita maior interação, expressão de ideias e envolvimento com os colegas e professores e do planejamento prévio das atividades e da disponibilização de materiais acessíveis.

Quando esses recursos estão disponíveis, o estudante consegue acompanhar os conteúdos, expressar suas ideias e interagir com colegas e professores de forma mais ativa, demonstrando empenho e domínio dos assuntos. Nesse sentido, os participantes sugerem que a universidade amplie a oferta de cursos de Libras para toda a comunidade acadêmica, aumente o número de intérpretes em sala de aula, adapte materiais didáticos, utilize

tecnologias assistivas e promova eventos de sensibilização e oficinas de inclusão.

Depois de finalizar as entrevistas, ficou claro que cada pessoa contribuiu de forma importante para os resultados da pesquisa. As respostas não foram apenas opiniões isoladas, mas trouxeram visões que ajudaram a enxergar melhor como acontece o ensino dos alunos surdos na universidade. Pelos relatos, foi possível entender tanto as dificuldades enfrentadas no dia a dia acadêmico quanto as estratégias usadas por professores e intérpretes para tornar o aprendizado mais acessível.

Muitos participantes mostraram que ainda existem desafios, como a falta de preparo de alguns docentes, a pouca oferta de materiais acessíveis e a necessidade de mais diálogo entre todos. Ao mesmo tempo, apareceram exemplos positivos de dedicação e cooperação, que mostram que é possível avançar quando há compromisso e sensibilidade.

Outro ponto importante que apareceu nas respostas foi a convivência entre surdos e ouvintes no ambiente acadêmico. Essa interação não só ajuda no aprendizado, mas também fortalece os laços sociais e afetivos dentro da universidade. Nesse contexto, a Libras se destaca como ferramenta fundamental de comunicação, reforçando o quanto é essencial para a formação e participação plena do estudante surdo.

Assim, as entrevistas trouxeram uma compreensão mais ampla sobre o letramento acadêmico de alunos surdos e levantaram reflexões importantes sobre a necessidade de políticas mais firmes, de investimentos na formação dos profissionais da educação e, principalmente, de um compromisso coletivo em tornar a universidade um espaço realmente inclusivo e igualitário para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário do ensino superior revela que a acessibilidade comunicacional para estudantes surdos ainda está longe de ser completamente efetiva, e isso se reflete diretamente em sua participação e desempenho acadêmico. Observa-se que tanto alunos quanto professores enfrentam obstáculos: de um lado, os estudantes surdos precisam lidar com o aprendizado do português escrito como segunda língua, o que exige mais esforço e estratégias diferenciadas; de outro, os docentes, mesmo dispostos a incluir, muitas vezes não possuem formação adequada nem clareza sobre quais metodologias adotar para favorecer esse processo.

Essa realidade reforça a necessidade de investimentos institucionais que contemplem a formação continuada em práticas bilíngues, o fortalecimento do ensino de Libras e o desenvolvimento de recursos pedagógicos acessíveis. Assim, promover uma universidade verdadeiramente inclusiva requer não apenas boa vontade, mas também políticas que assegurem condições concretas de aprendizagem, valorizando a diversidade linguística e garantindo ao aluno surdo a possibilidade de participar ativamente da vida acadêmica em igualdade de oportunidades.

Esta pesquisa sobre *Letramento Acadêmico e ensino do português para surdos: desafios e motivações*, compreendeu-se que a inclusão desse público no ensino superior vai muito além da presença física, exigindo práticas pedagógicas acessíveis, mediação de intérpretes de Libras, materiais adaptados e, sobretudo, a sensibilidade docente para reconhecer as especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda. Os resultados evidenciam que, apesar de avanços importantes, como o uso ampliado de recursos visuais e digitais, ainda persistem barreiras relacionadas à formação de professores, à ausência de estratégias inclusivas permanentes e ao acesso limitado a materiais adequados. Observou-se, também, o empenho e a motivação dos estudantes surdos em participar ativamente das atividades acadêmicas, demonstrando que, quando recebem apoio adequado, sobretudo da família e da instituição, tornam-

se protagonistas do processo de aprendizagem e contribuem significativamente para a construção de um ambiente universitário mais diversos. Reafirma-se, assim, a urgência em fortalecer políticas públicas que ampliem as condições de inclusão, reconhecendo o letramento como prática fundamental não apenas no espaço acadêmico, mas também nos âmbitos social e cultural, de modo que o estudante surdo seja, de fato, inserido na sociedade com igualdade de direitos e oportunidades e garantia de poder usar sua verdadeira língua LIBRAS.

REFERÊNCIA

AVELAR, Thaís Fleury; FREITAS, Karlla Patrícia de Souza. A importância do português como segunda língua na formação do aluno surdo. *Revista Sinalizar*, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 93-104, 2016. Disponível em:

<https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/36688>. Acesso em: 6 abr. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, ano 152, n. 127, p. 2-11, 7 jul. 2015.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, n. 98, p. 44-46, 24 maio 2016.

CARVALHO, Márcia Monteiro. *Avaliação da compreensão escrita de alunos surdos do ensino fundamental maior*. 2012. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2012. Programa de Pós-Graduação em Letras.

MADEIRA, Diogo Souza. *Língua Brasileira de Sinais*. Curitiba: Editora Intersaberes, 2012.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUADROS, Ronice Müller de. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.


QUADROS, Ronice Müller de; SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2001.

SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima et al. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Brasília: MEC/SEESP, 2004. 2 v. (Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos).

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos*. Porto Alegre: Penso, 2004.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

ANEXO


SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
TERMO DE SOLICITAÇÃO

Título do Estudo: **LETRAMENTO ACADÊMICO E ENSINO DO PORTUGUÊS PARA SURDO: DESAFIOS E MOTIVAÇÕES**

Orientador Responsável: Dr^a. Camille Cardoso Miranda
Aluno responsável da pesquisa: Maria Rita Conceição dos Santos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(A) Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa. Por favor, leia este documento com bastante atenção antes de assiná-lo. Caso haja alguma palavra ou frase que o (a) senhor (a) não consiga entender, converse com o orientador ou aluno responsável pelo estudo desta pesquisa para esclarecê-los.

A proposta deste termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) é explicar tudo sobre o estudo e solicitar a sua permissão para participar do mesmo.

O objetivo desta pesquisa é analisar práticas de letramento acadêmico na produção escrita e oral de um aluno surdo da Universidade Federal do Pará. A escolha desse tema parte da necessidade de compreender as dificuldades específicas encontradas nesse contexto do ensino superior, suas perspectivas de aprendizagem e a formação docente para desenvolver prática pedagógicas no intuito de incluir o aluno surdo nas estratégias de letramento acadêmico escrito e oral.

Sua participação na pesquisa é totalmente voluntária e será realizada a partir das respostas do questionário elaborado pela aluna. Caso o(a) Sr.(a) decida não participar, ou ainda, desistir de participar e retirar seu consentimento durante a pesquisa, não haverá nenhum prejuízo que você receba ou possa vir a receber na instituição.

Solicitamos também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de letras e educação e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto, bem como em todas as fases da pesquisa.

A presente atividade é requisito para a conclusão do Curso de **Graduação do Curso de Letras – Línguas Portuguesa – Faculdade da Ciência da Linguagem – FACL**, Campus de Abaetetuba-PA.

Agradecemos a atenção e nos colocamos ao inteiro dispor para melhores esclarecimentos.

Abaetetuba, 05 de agosto de 2025

Figura 1

Fonte: dados da pesquisa, 2025

Figura 2


Assinatura Acadêmico(a)


 BRASIL GOVERNO FEDERAL

Professor(a) Orientador(a)


Deferido () () Com anonimato () Sem anonimato

Indeferido ()


Assinatura do professor


Assinatura do professor

Assinatura do professor


Assinatura do professor

Fonte: dados da pesquisa, 2025

FORMULARIO GOOGLE FORMES

Categoria intérpretes

Figura 3

27/08/2025, 09:42

LETRAMENTO ACADÊMICO E ENSINO DO PORTUGUÊS PARA SURDO: DESAFIOS E MOTIVAÇÕES

LETRAMENTO ACADÊMICO E ENSINO DO PORTUGUÊS PARA SURDO: DESAFIOS E MOTIVAÇÕES

INTÉRPRETES

1 Quais são os principais desafios que você encontra ao interpretar conteúdos acadêmicos *
para alunos surdos?

A falta de antecedência na disponibilização dos materiais, além de pouco material para pesquisa em algumas áreas específicas como latim por exemplo. outro fator acho que mais agravante é a falta de revezamento por não ter outros intérpretes, o que pode levar à sobrecarga de trabalho prejudicando a qualidade da interpretação e o acesso à informação para discente surdo.

2 Como você percebe o envolvimento do aluno surdo com os gêneros textuais utilizados *
nas disciplinas?

regular, o aluno apresenta muitas dificuldades na interpretação e leitura dos gêneros textuais na modalidade escrita.

3 Você participa do planejamento pedagógico com os professores para adaptar os *
conteúdos ao aluno surdo?

infelizmente não

4 Como você avalia a relação entre o intérprete, o professor e o aluno surdo no processo de *
ensino e aprendizagem?

avaliaria como boa, pois a maioria dos docentes estão abertos ao diálogo e sempre à disposição para tirar dúvidas seja com o aluno ou intérprete e vice versa, a interação entre docente e discente é bem frequente nas aulas.

https://docs.google.com/forms/d/1vJe_cZVlfaITEY1RrEBpXvx_LW0PBBohTZocrFu5u7M/edit#responses

1/2

27/08/2025, 09:42

LETRAMENTO ACADÊMICO E ENSINO DO PORTUGUÊS PARA SURDO: DESAFIOS E MOTIVAÇÕES

5 Os conteúdos acadêmicos que você interpreta são acessíveis ao aluno surdo em termos *
de linguagem e estrutura?

nem sempre, isso depende muito de cada componente curricular, as vezes é necessário reformular algumas expressões.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

categoria docente

Figura 4

27/08/2025, 10:06

LETRAMENTO ACADÊMICO E ENSINO DO PORTUGUÊS PARA SURDO: DESAFIOS E MOTIVAÇÕES

LETRAMENTO ACADÊMICO E ENSINO DO PORTUGUÊS PARA SURDO: DESAFIOS E MOTIVAÇÕES

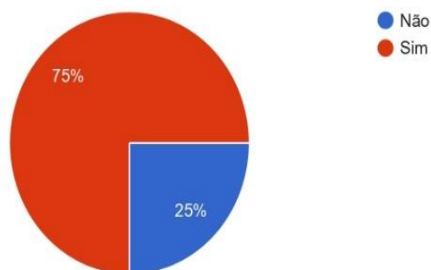
4 respostas

[Publicar análise](#)

1 Você já teve alunos surdos em sala de aula?

[Copiar](#)

4 respostas



2 Em sua prática docente, você planeja estratégias específicas voltadas ao desenvolvimento do letramento do aluno surdo? quais?

4 respostas

Ainda não tive oportunidade

Elaborei um plano de curso voltado com atividades para serem realizadas pelo discente surdo em Libras, selecionei links de vídeos com janela de Libras sobre os assuntos tratados em classe para que ele pudesse estudar em casa na ausência da intérprete. Ministrei as disciplinas em Libras para que pudesse ter mais conforto durante as disciplinas. Disponibilizei os comandos das atividades que gravei em Libras. Interagia diretamente com o aluno para que pudesse participar ativamente das aulas dando sua opinião sobre os assuntos.

Tive aluno surdo numa única disciplina. Por sorte, havia duas intérpretes de libras na sala, às quais eu podia recorrer para me ajudar na metodologia. Para minimizar os prejuízos que o aluno pudesse ter, eu imprimia os textos para ele, com fonte maior, porque, além da surdez, ele apresenta problema em um olho.

Sim. Leituras por meio de imagens, anotações no quadro ou lousa. Evito ditados, sempre retomo ao intérprete para verificação da aprendizagem, entre outros.

<https://docs.google.com/forms/d/1SZB72PtTbI9d9qPxxOkWC7nUy2m-I3VhJYXadjo7QgM/viewanalytics>

1/4

Fonte: dados da pesquisa, 2025

Figura 5

27/08/2025, 10:06

LETRAMENTO ACADÊMICO E ENSINO DO PORTUGUÊS PARA SURDO: DESAFIOS E MOTIVAÇÕES



4 Que recursos pedagógicos você costuma utilizar para garantir o acesso do aluno surdo aos conteúdos?

4 respostas

Ainda não tive oportunidade

respondi na pergunta 2 com mais detalhes.

Como já disse, tive experiência apenas uma vez com aluno surdo. Eu costumava imprimir os textos em fonte maior. Quando não era possível imprimir, pelo fato de o xerox estar fechado, por exemplo, uma das intérpretes lia o material em pdf e a outra fazia a tradução.

Geralmente utilizo imagens, vídeos com traduções também,

5 Quais gêneros textuais você costuma utilizar em sala de aula com alunos surdos para promover o letramento?

4 respostas

Não tenho experiência

Artigos científicos, dissertações em Libras, vídeos aulas, documentários com janelas de Libras, filmes inclusivos com legenda e janela de Libras. Livros.

Contos. É uma forma breve, que dá para ler de "uma sentada", como diz um teórico da literatura.

Sempre faço relações aos gêneros conforme o planejamento das aulas - relacionando os gêneros à realidade deles. Gêneros textuais e digitais, músicas, entre outros.



<https://docs.google.com/forms/d/1SZB72PTbl9d9qPkxOkWC7nUy2m-3VhJYXadjo7QgM/viewanalytics>

2/4

Figura 6

27/08/2025, 10:06

LETRAMENTO ACADÊMICO E ENSINO DO PORTUGUÊS PARA SURDO: DESAFIOS E MOTIVAÇÕES

6 Esses gêneros são trabalhados com adaptações linguísticas ou visuais para facilitar a compreensão?

4 respostas

Não tenho experiência

sim. respondi na pergunta 5.

Quando possível, eu entregava o material impresso em fonte maior. Quando não, uma das intérpretes lia o material em pdf e a outra fazia a tradução. Confesso que, às vezes, ficava frustrado, durante a disciplina, porque numa tive uma preparação para ensinar aluno surdo.

Sim

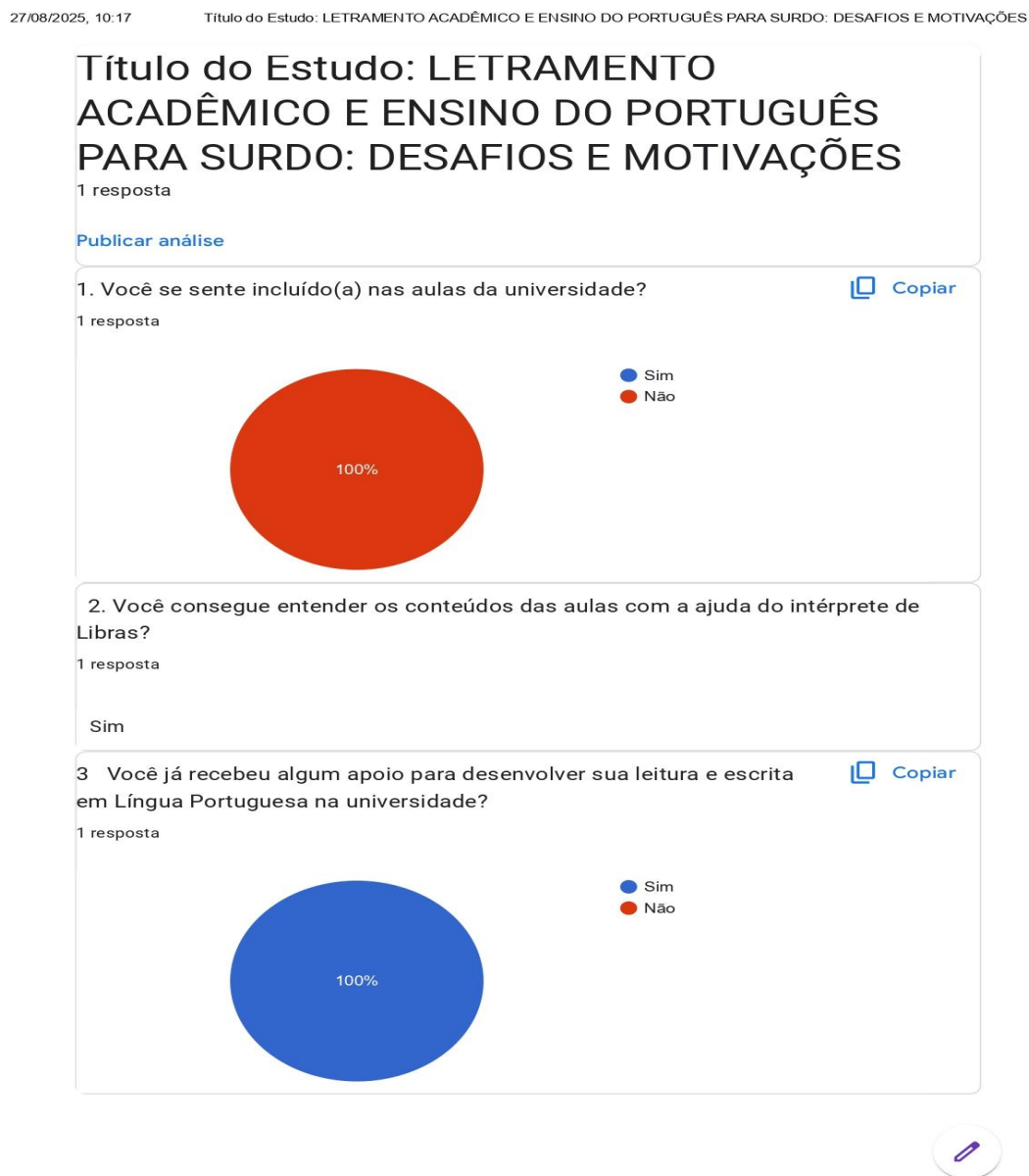
Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. - [Entre em contato com o proprietário do formulário](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Este formulário parece suspeito? [Denunciar](#)

Google Formulários

Fonte: dados da pesquisa, 2025

Figura: 7



https://docs.google.com/forms/d/1oKdXDeTa4vbx-C_uVKbITRsJxBCH_-I-n4qe-uJwr-Y/viewanalytics

1/3

Fonte: dados da pesquisa, 2025

Figura 8

27/08/2025, 10:17

Título do Estudo: LETRAMENTO ACADÊMICO E ENSINO DO PORTUGUÊS PARA SURDO: DESAFIOS E MOTIVAÇÕES

4 Que tipos de textos (gêneros textuais) você prefere ou entende melhor nas aulas?

1 resposta

Visual

5 Você sente dificuldade para ler e escrever em Língua Portuguesa?

1 resposta

Sinto muita dificuldade porque eu compreendo Libras que e minha língua.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. - [Entre em contato com o proprietário do formulário](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Este formulário parece suspeito? [Denunciar](#)

Google Formulários

Fonte: dados da pesquisa, 2025

Categoria estudante ouvinte

Figura 9

27/08/2025, 10:35

Título do Estudo: LETRAMENTO ACADÊMICO E ENSINO DO PORTUGUÊS PARA SURDO: DESAFIOS E MOTIVAÇÕES

Título do Estudo: LETRAMENTO ACADÊMICO E ENSINO DO PORTUGUÊS PARA SURDO: DESAFIOS E MOTIVAÇÕES

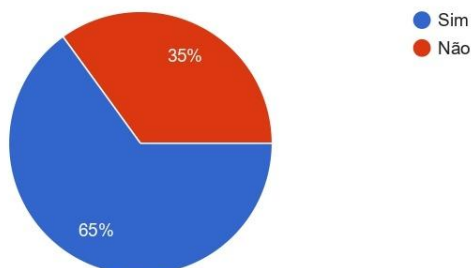
20 respostas

[Publicar análise](#)

1. Você já teve ou tem colegas surdos em sua turma na universidade?

[Copiar](#)

20 respostas



Fonte: dados da pesquisa, 2025

Figura 10

27/08/2025, 10:35

Título do Estudo: LETRAMENTO ACADÊMICO E ENSINO DO PORTUGUÊS PARA SURDO: DESAFIOS E MOTIVAÇÕES

2 Como você descreveria a interação entre os estudantes surdos e os ouvintes em sala de aula?

20 respostas

Tenho um colega surdo em minha turma, e ele conta com o apoio de apenas uma intérprete de Libras, o que garante a ele o acesso ao conteúdo das aulas e a possibilidade de participar ativamente das atividades propostas. Apesar dessa mediação, percebo que a comunicação entre ele e os demais colegas ainda enfrenta alguns desafios, principalmente pela falta de domínio da Libras por parte da maioria dos discentes ouvintes. Muitas vezes, os discentes acabam buscando outras formas de interação, como gestos, expressões faciais ou até a escrita, para tornar possível algum diálogo e interação. Porém, muitas vezes acabam se afastando, por medo ou receio de não conseguir se comunicar, há uma barreira.

A interação pode ser descrita como limitada para a maioria das turmas, pois a maioria dos estudantes e da população brasileira não sabe se comunicar através da língua de sinais. Um fator que acaba excluindo o colega surdo dos acontecimentos em sala e na sociedade.

No início, a comunicação é desafiadora, já que, assim como muitos, foi a minha primeira experiência interagindo com uma pessoa surda. No entanto, com o tempo, junto ao intérprete e ao aluno surdo, vamos desenvolvendo estratégias para nos comunicarmos, interagirmos e compartilharmos conhecimentos de forma mais eficaz.

Existe uma baixíssima interação.

Limitada

Bem difícil essa interação, acredito eu por partes dos ouvintes. Pois não nos permitimos esse contatos muitas das vezes por não saber libras.

Apesar de aprendermos muito com o colega por meio da amizade e do companheirismo, a interação em sala de aula ainda apresenta muitos desafios e pode ser bastante aprimorada. Poucos alunos são alfabetizados na Língua Brasileira de Sinais (Libras), o que limita significativamente a comunicação e a inclusão plena.

Estamos ainda num caminho de inclusão

Que os ouvintes não estão preparados para ter uma boa comunicação com os estudantes surdos. O que dificulta a interação de ambas as partes.

Um pouco complexo, pois nem todos sabem a línguas de sinais.

Uma boa interação

Difícil, pois não sei dialogar em línguas de sinais.

Boa, tirando o fato de nem todos os alunos conhecerem o básico de libras

https://docs.google.com/forms/d/1shCH3EcmX0tyOz6uWRaw1GY2flpSz3_A29Hyf7Z1oCQ/viewanalytics

2/8

Fonte: dados da pesquisa, 2025

Figura 11

27/08/2025, 10:35

Título do Estudo: LETRAMENTO ACADÊMICO E ENSINO DO PORTUGUÊS PARA SURDO: DESAFIOS E MOTIVAÇÕES

No início foi bastante complicado, mas com a convivência do dia a dia no curso tornou-se mais fácil

Um pouco difícil

Uma interação básica, visto que a maioria dos alunos ouvintes não tem acesso a libras

Na verdade é uma interação muito deficiente, pois é difícil ter uma interação eficaz, onde ambos possam manter uma conversação

No início foi um pouco difícil mas depois ficou muito bom

A interação é boa graças ao empenho dos colegas ouvintes e do nosso colega surdo, mas poderia ser excelente se todos os professores adotassem uma postura mais inclusiva.

A interação ainda é limitada, principalmente devido à falta de conhecimento em Libras por parte dos ouvintes

3 Você se sente preparado(a) para se comunicar com colegas surdos?

 Copiar

20 respostas

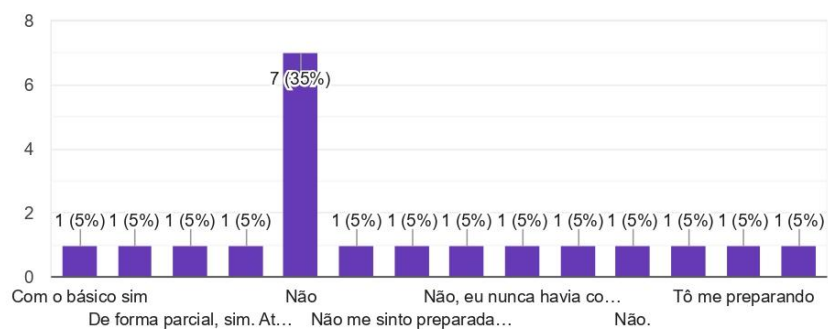


Figura 12

27/08/2025, 10:35

Título do Estudo: LETRAMENTO ACADÊMICO E ENSINO DO PORTUGUÊS PARA SURDO: DESAFIOS E MOTIVAÇÕES

4. Como você percebe a participação do aluno surdo nas atividades acadêmicas (exposições, grupos, debates)?

20 respostas

Percebo que a participação do aluno surdo nas atividades acadêmicas, como exposições, trabalhos em grupo e debates, é marcada tanto por avanços quanto por desafios. Com o apoio da intérprete de Libras, ele consegue acompanhar os conteúdos e expressar suas ideias, principalmente em atividades planejadas com antecedência e que permitem a mediação de forma mais tranquila. Porém, quando não há essa mediação é muito difícil, muitas vezes os assuntos trabalhos são extremamente complexos. Mesmo assim, é notável o esforço que ele faz para estar presente, se comunicar e contribuir com suas ideias. Sempre que há um ambiente acolhedor e colaborativo, ele se envolve mais nas atividades.

A presença do aluno surdo nas atividades do meio acadêmico é um passo que promove inclusão e diversidade no ambiente. Nos dias atuais já é notório na universidade o início da participação da comunidade, hoje já temos intérpretes nos eventos, o aluno já tem a oportunidade - mesmo que pouca - de relatar sua experiência, sua trajetória, suas conquistas. Então considero que a participação não é tão somente importante para uma promoção de diversidades e acessibilidades, mas essencial para todos que ainda não conhecem e que precisam entender mais da comunidade surda.

No início, ele era mais reservado e se limitava a realizar apenas a sua parte nas atividades, havendo pouca interação de ambos os lados. A intérprete sempre atuou como uma ponte fundamental, contribuindo significativamente para a comunicação e a integração. Com o tempo, o aluno foi se desenvolvendo, passou a se comunicar melhor durante as atividades e a interagir com o professor e os demais colegas.

Somente quando há intérpretes é que vemos melhor a participação do aluno surdo, infelizmente.

Muitas dificuldades

Embora eles tenham autonomia para fazer as atividades, as vezes eles se sentem um pouco desconfortáveis com muitas leituras, sinalizar por muito tempo.

O corpo docente, de um modo geral, se mostra bastante comprometido na adaptação das atividades e o aluno participa ativamente nos trabalhos de exposição, mostrando bastante empenho e domínio dos assuntos.

Algumas vezes esquece do aluno por causa de sua deficiência

Percebe-se que ainda é bem pouco a participação de alunos surdos nessas atividades, eles participam mas quando é com um tema específico sobre eles.

Ele participa normalmente de todas às atividades com ajuda dos alunos, professores e a intérprete.



https://docs.google.com/forms/d/1shCH3EcmX0tyOz6uWRaw1GY2flpSz3_A29Hyf7Z1oCQ/viewanalytics

4/8

Fonte: dados da pesquisa, 2025

Figura 13

27/08/2025, 10:35

Título do Estudo: LETRAMENTO ACADÊMICO E ENSINO DO PORTUGUÊS PARA SURDO: DESAFIOS E MOTIVAÇÕES

Bastante participativo

Ativo e participativo.

Boa com auxílio da intérprete

Os alunos participam de forma bastante ativa nas atividades acadêmicas, a ajuda das intérpretes é fundamental para essa produção, principalmente quando as atividades é em grupo

Difícil em algumas disciplinas

Não tive a oportunidade de presenciar.

Percebo que não há recursos suficientes para quem é da comunidade surda

Existe uma certa dificuldade, mas eles conseguem

Percebo que há certa dificuldade na participação do aluno surdo, principalmente devido à falta de preparo dos docentes. A maioria não adota práticas inclusivas e não está preparada para lidar adequadamente com as necessidades de um estudante surdo.

A participação costuma ser reduzida, principalmente quando não há apoio adequado como intérprete de Libras ou materiais acessíveis

Fonte: dados da pesquisa, 2025

Figura 14

27/08/2025, 10:35

Título do Estudo: LETRAMENTO ACADÊMICO E ENSINO DO PORTUGUÊS PARA SURDO: DESAFIOS E MOTIVAÇÕES

5 O que você acredita que poderia melhorar na universidade para promover mais inclusão e letramento de alunos surdos?

20 respostas

Acredito que a universidade poderia promover mais inclusão oferecendo cursos de Libras para todos, principalmente para os professores para assim adquirirem práticas pedagógicas inclusivas e criando espaços de diálogo entre surdos e ouvintes, garantindo não só o acesso, mas também a participação plena dos alunos surdos na vida acadêmica.

A universidade oferece um curso de libras, mas acredito que é necessário divulgar mais pois muitos da comunidade nem sabem de sua existência, falta prolongar a duração também.

Sim. Primeiramente, é necessário contar com mais de um intérprete, pois, atualmente, o campus dispõe de apenas um profissional, o que dificulta a interpretação e compromete a transmissão do conteúdo ao aluno surdo. Frequentemente, são necessárias pausas durante as aulas devido ao cansaço do intérprete. Além disso, é fundamental que os professores estejam preparados para realizar as adaptações necessárias tanto no conteúdo que ministram quanto na forma de avaliar o aluno.

A universidade poderia melhorar a inclusão e o letramento de alunos surdos oferecendo mais intérpretes de Libras, capacitando professores em educação inclusiva, adaptando materiais didáticos, promovendo oficinas de Libras para a comunidade acadêmica e garantindo tecnologias assistivas. Além disso, incentivar a convivência e o respeito à diversidade ajuda a criar um ambiente mais acolhedor e acessível.

Uma mobilização maior sobre a importância de aprendermos a língua de sinais e oferecer o curso de libras para toda a comunidade acadêmica.

Presença constante de intérprete de libras em sala de aula e atividades acadêmicas, implementação de curso obrigatório de Libras para docentes discentes e técnicos, adaptação do material didático para esse público de acordo com suas necessidades, etc

A implementação de mais cursos de Libras, não só para os alunos, mas também para os professores, já seria um meio de melhorar a inclusão, entretanto, muito mais poderia ser feito, como a existência de mais projetos da universidade voltados para a inclusão e palestras e eventos regulares de conscientização.

Ter mais profissionais voltados para a área da educação especial dentro da sala de aula[como no mínimo duas intérpretes de libras] e o prof ao saber que tem um aluno surdo buscar se capacitar nessa área

Acredito que não só na universidade, mas deveria vim desde a escola básica essa interação entre os alunos, pois o aluno surdo passa por todo o estudo básico e sem ter ajuda e os ouvintes sem aprender uma forma de comunicação com os não ouvintes. Deveria ter não apenas o interprete mas projetos para abranger todos em geral.



https://docs.google.com/forms/d/1shCH3EcmX0tyOz6uWRaw1GY2flpSz3_A29Hyf7Z1oCQ/viewanalytics

6/8

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 15

27/08/2025, 10:35

Título do Estudo: LETRAMENTO ACADÊMICO E ENSINO DO PORTUGUÊS PARA SURDO: DESAFIOS E MOTIVAÇÕES

Poderia melhorar a acessibilidade a cursos e materiais didáticos.

Disciplina de libras constantemente

Acredito que o quantitativo de profissionais preparados para atender as necessidades dos alunos surdos.

O curso de libras na comunidade se tornar obrigatório para todos os estudantes

Acredito que seria plausível se houvesse mais disciplinas voltadas para a libras, e que fossem incluídas nos primeiros semestre

Acredito que seria necessário sempre termos disciplinas de libras ou algo que ajudasse a aprendê-la mais rápido.

A capacitação dos alunos ouvintes para que haja a inclusão dos não ouvintes, pois assim poderão interagir.

Deveriam criar eventos, como oficinas e debates a respeito do assunto

Ter mais de uma intérprete e participação e envolvimento dos ouvintes em oficinas de Libras e cursos

A universidade poderia investir mais na formação continuada dos professores, não somente em suas áreas específicas, mas também em Libras e em práticas pedagógicas inclusivas. Além disso, seria importante garantir a presença constante de dois ou mais intérpretes nas aulas e promover ações de sensibilização junto à comunidade acadêmica, a fim de fortalecer o letramento e a inclusão dos alunos surdos.

A universidade poderia oferecer mais cursos de Libras para alunos e professores, garantir a presença de intérpretes em todas as aulas e eventos acadêmicos, adaptar materiais didáticos para a realidade dos alunos surdos e promover ações de sensibilização para a comunidade acadêmica sobre a importância da inclusão. Além disso, investir em tecnologias assistivas e criar espaços de apoio pedagógico voltados às necessidades específicas dos estudantes surdos também contribuiria significativamente.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. - [Entre em contato com o proprietário do formulário](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Este formulário parece suspeito? [Denunciar](#)

Google Formulários

